



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

VIVIANE STEPHANIE ALVES DA SILVA

**O FALAR SUL-MATO-GROSSENSE: UMA ANÁLISE DAS VARIANTES PARA
NEBLINA E ORVALHO NO ATLAS LINGUÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL
(OLIVEIRA, 2007)**

AQUIDAUANA, MS
2026



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



VIVIANE STEPHANIE ALVES DA SILVA

**O FALAR SUL-MATO-GROSSENSE: UMA ANÁLISE DAS VARIANTES PARA
NEBLINA E ORVALHO NO ATLAS LINGUÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL
(OLIVEIRA, 2007)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para avaliação ao curso de Letras – Português/inglês à Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/ campus Aquidauana, para obtenção do grau de licenciamento Letras – Português/inglês, sob a orientação da Profa. Dra. Daniela de Souza Silva Costa.

AQUIDAUANA, MS
2026



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



VIVIANE STEPHANIE ALVES DA SILVA

**O FALAR SUL-MATO-GROSSENSE: UMA ANÁLISE DAS VARIANTES PARA
NEBLINA E ORVALHO NO ATLAS LINGUÍSTICO DE MATO GROSSO DO SUL
(OLIVEIRA, 2007)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para avaliação ao curso de Letras – Português/inglês à Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/ campus Aquidauana, para obtenção do grau de licenciamento Letras – Português/inglês, sob a orientação da Profa. Dra. Daniela de Souza Silva Costa.

Resultado: _____

Aquidauana, MS, 26 de junho de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Souza Silva Costa
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Bruno Roberto Nantes Araujo
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Me. Juvenal Brito Cezarino Júnior
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul



RESUMO: O presente trabalho analisa comparativamente o comportamento das variantes lexicais para os conceitos meteorológicos de neblina e orvalho no território de Mato Grosso do Sul, tomando como base metodológica os dados documentados no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007). A pesquisa apoia-se nos pressupostos teóricos da Dialetoлогия, da Geolinguística e da Sociolinguística variacionista, dialogando com autores como Biderman (1998), Sapir (1961), Saussure (2006) e Labov (2008). A metodologia consistiu na consulta e na organização dos dados geolinguísticos de 32 pontos de inquéritos do estado, cujos perfis dos informantes priorizaram indivíduos de pouca ou nenhuma escolaridade formal e forte fixação local. Os dados qualitativos foram submetidos a um tratamento estatístico descritivo para a geração de gráficos de setores. Os resultados apontam que a carta 32.a *Neblina* (Oliveira, 2007, p. 105) exibe uma forte presença por todo território, com predominância de *neblina* (55%) seguida por *cerração* (24%). Em contrapartida, a carta 50.a *Orvalho* (Oliveira, 2007, p. 114) expõe uma distribuição espacial marcante, na qual existe maior número de variantes ao sul em comparação com o norte, sendo que a variante lexical *sereno* lidera com 57% das ocorrências e está presente em todo território frente a 40% de *orvalho*. Frente aos resultados, conclui-se que a heterogeneidade do falar sul-mato-grossense revela a dinamicidade na relação entre a tradição oral e a norma padrão, resguardando a memória cultural de Mato Grosso do Sul, neste caso representada pelas cartas linguísticas *neblina* e *orvalho* do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (Oliveira, 2007).

Palavras-chave: Dialetoлогия. Geolinguística. Variação léxica. Neblina e orvalho. ALMS.

RESUMEN: El presente trabajo analiza comparativamente el comportamiento de las variantes léxicas para los conceptos meteorológicos de neblina y orvalho en el territorio de Mato Grosso do Sul, tomando como base metodológica los datos documentados en el *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS* (Oliveira, 2007). La investigación se apoya en los presupuestos teóricos de la Dialectología, la Geolingüística y la Sociolingüística variacionista, dialogando con autores como Biderman (1998), Sapir (1961), Saussure (2006) y Labov (2008). La metodología consistió en la consulta y organización de los datos geolingüísticos de 32 puntos de encuestas del estado, cuyos perfiles de los informantes priorizaron a individuos de baja o nula escolaridad formal y fuerte arraigo local. Los datos cualitativos se sometieron a un tratamiento estadístico descriptivo para la generación de gráficos de sectores. Los resultados señalan que el mapa 32.a *Neblina* (Oliveira, 2007, p. 105) exhibe una fuerte presencia en todo el territorio, con predominio de *neblina* (55%) seguida de *cerração* (24%). En contraposición, el mapa 50.a *orvalho* (Oliveira, 2007, p. 114) expone una distribución espacial marcada, en la cual existe un mayor número de variantes en el sul en comparación con el norte, donde la variante léxica *sereno* lidera con el 57% de las ocurrencias y está presente en todo el territorio frente al 40% de *orvalho*. Ante los resultados, se concluye que la heterogeneidad del habla de Mato Grosso do Sul revela la dinamicidad en la relación entre la tradición oral y la norma estándar, resguardando la memoria cultural de Mato Grosso do Sul, en este caso representada por los mapas lingüísticos de neblina y orvalho del *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (Oliveira, 2007).

Palabras clave: Dialectología. Geolingüística. Variación léxica. Neblina y orvalho. ALMS



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Variação neblina.....	10
Gráfico 2 – Variação orvalho.....	12
Figura 1 – Carta linguística QSL 0050.a - orvalho (Oliveira, 2007)	13



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O LÉXICO, A SOCIEDADE E O ESPAÇO GEOGRÁFICO	8
3 METODOLOGIA	10
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	11
4.1 A variação de neblina	11
4.2 A dinâmica de orvalho	13
5 INTERPRETAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA	15
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20



1 INTRODUÇÃO

A língua não se comporta como um bloco monolítico, mas como um organismo vivo que se molda dinamicamente no tempo, no espaço e nas interações sociais. Estudando, pois, essa realidade, a Dialectologia e a Geolinguística ocupam-se de mapear e registrar essa pluralidade cultural por meio de atlas linguísticos, dentre outros produtos de pesquisas.

Sob essa perspectiva, o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS, publicado em 2007 sob a coordenação de Dercir Pedro de Oliveira e idealização de Albana Xavier Nogueira e Maria José Toledo Gomes, constitui um marco fundamental para a Geolinguística e a Sociolinguística da região Centro-Oeste do Brasil. Fundamentado na metodologia da dialectologia pluridimensional, o estudo mapeou as variações fonéticas, semântico-lexicais e morfossintáticas do português falado no estado a partir de uma rede de pontos que incluiu 32 localidades, dividindo os informantes por gênero, faixa etária e nível de escolaridade. Estruturado em 271 páginas de cartas linguísticas e filiado metodologicamente ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o ALMS (Oliveira, 2007) atua como um valioso instrumento de preservação da memória cultural regional, documentando de forma sistemática as influências socio-históricas e a vitalidade das variedades dialetais que configuram a identidade sul-mato-grossense.

No que tange aos dados cartografados pelo ALMS (Oliveira, 2007), o léxico ligado aos fenômenos meteorológicos cotidianos revela-se um terreno fértil para observar essas forças históricas, descortinadas pelo nível lexical. Expressões ligadas ao clima, à terra e à atmosfera guardam marcas profundas da ancestralidade, da identidade e da procedência geográfica dos falantes. Para estudar essas relações entre língua e cultura, pesquisas científicas que investigam as designações para neblina e orvalho, foco deste estudo, foram também consultadas, de maneira a contrastar os dados sul-mato-grossenses com os já catalogados em outras regiões do Brasil. Diante disso, este Trabalho de Conclusão de Curso analisa comparativamente o comportamento das variantes lexicais para os



conceitos neblina e orvalho no território sul-mato-grossense a partir das cartas¹ linguísticas 32.a e 50.a do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (Oliveira, 2007).

Para além da visualização cartográfica original, os dados foram analisados sob os preceitos da Dialetoлогия e da Geolinguística², com o objetivo de evidenciar a frequência e a representatividade de cada variante lexical (*neblina* e *orvalho*) no corpus em análise. Isso com vistas a investigar as diferentes dinâmicas de distribuição diatópica revelada pelo universo pesquisado.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O LÉXICO, A SOCIEDADE E O ESPAÇO GEOGRÁFICO

Para sustentar a análise da variação lexical no ALMS (Oliveira, 2007), recorre-se inicialmente às premissas de Ferdinand de Saussure (2006, p. 221). Em seu Curso de Linguística Geral, o mestre genebrino define a língua como uma instituição e um produto puramente social. Embora a visão saussuriana priorize a sincronia e o sistema abstrato, entende-se ainda que o caráter de convenção social do signo se manifesta nitidamente no léxico. O nível lexical da língua é a camada mais exposta e maleável do código. A conceituação de Saussure (2006) sobre o pacto social que sustenta o signo linguístico nos lembra que a nomeação da realidade não é um ato individual ou arbitrário sem propósito; pelo contrário, decorre de uma validação coletiva, uma vez que é o corpo social que legitima quais formas lexicais permanecem vivas e quais caem em desuso.

Dessa forma, as variantes lexicais que emergem para designar fenômenos da natureza, por exemplo, dependem diretamente desse consenso compartilhado, o qual é construído e reelaborado cotidianamente pelas comunidades de fala. Como bem pondera o trabalho publicado no Museu das Culturas Indígenas Centro de

¹ As cartas do ALMS (Oliveira, 2007) são mapas temáticos que registram visual e cientificamente as variações da língua portuguesa falada no estado. Elas servem como gráficos de distribuição geográfica para documentar os dados coletados nas entrevistas de campo.

² A Dialetoлогия e a Geolinguística são campos interligados da linguística dedicados ao estudo científico da variação de uma língua; enquanto a Dialetoлогия investiga de forma ampla as diferentes variedades, sotaques e normas estruturais adotados por grupos de falantes, a Geolinguística atua como sua vertente cartográfica, focando especificamente em mapear a distribuição geográfica dessas variações territoriais por meio de atlas linguísticos.



Pesquisa e Referência (2024), o léxico atua como o verdadeiro repositório da experiência cultural de uma comunidade:

As línguas do mundo revelam valores e princípios das sociedades a que pertencem e representam. Constituem o modo de ser, estar, agir, perceber, se organizar, se relacionar. É a própria cultura, pois a língua contorna singularmente aspectos das experiências vividas pelas pessoas através de suas práticas, gestos e expressões, cotidianas e rituais. Transmitem a cada geração, de forma atualizada, seu modo de representar a realidade através de suas relações (Museu das Culturas Indígenas Centro de Pesquisa e Referência 2024, p. 1).

A partir desse pensamento, compreende-se que o léxico funciona como um arquivo vivo da história humana, por meio do qual cada palavra atua como um testemunho cultural. Assim, quando uma comunidade interage com o seu meio, ela projeta na língua as suas urgências práticas e as suas percepções subjetivas. Nesse contexto, os fenômenos climáticos, por estarem intrinsecamente ligados à sobrevivência, ao manejo da terra e à rotina rural ou urbana, fomentam uma realidade linguística que revela o modo de vida local. Portanto, a dinamicidade e a evolução do léxico não são falhas do sistema, mas sim mostras de sua vitalidade: à medida que diferentes grupos humanos se deslocam e se fixam em novos territórios, eles reconfiguram esse inventário de palavras, gerando o fenômeno da variação linguística.

No entanto, as palavras não flutuam apenas no espaço social, elas também se distribuem na dimensão geográfica. É nesse ponto que a Geolinguística contribui para o entendimento dessa realidade. Aguilera, Motta e Moreira (2021), nessa seara, defendem que os dados cartografados em um atlas linguístico ganham sentido pleno quando cruzados com a história do homem que habita o território:

Os caminhos da Geolinguística e da Sociolinguística — isso é já um fato incontestado e não se constitui em nenhuma novidade — têm mostrado que se pode, por um lado, encontrar traços que diferenciem regionalmente uma área de outra, independentemente dos segmentos sociais considerados; por outro lado, o exame da realidade linguística tem demonstrado que determinados fenômenos que marcam o português do Brasil não são traços regionais mas traços sociais que vão se registrar em qualquer área e numa categoria de falantes (Aguilera Motta; Moreira, 2021, p. 49).

Essa perspectiva pluridimensional defendida por Aguilera, Motta e Moreira (2021) supera a visão de que a geografia linguística seria apenas uma descrição



estática de falares isolados no espaço geográfico. A variação diatópica, isto é, a referente ao espaço, está fortemente ligada às forças históricas e sociais que moldaram e moldam as fronteiras políticas e humanas, posto que o espaço geográfico não é um mero plano físico vazio, mas um território formado e compreendido pelas sociedades, com fluxos migratórios, contatos linguísticos e heranças geracionais, dentre outros fatores.

Nessa direção, ao registrar as heterogeneidades lexicais, a Geolinguística revela marcas deixadas pela história sociocultural que se entrecruza nos territórios. No tecido social, variáveis como a faixa etária e a escolaridade dos falantes atuam em constante correlação com o espaço, ratificando a importância dos atlas linguísticos, estes que se mostram como um relevante documento histórico, linguístico e social, desvelando a identidade regional de um povo.

3 METODOLOGIA

O desenho metodológico que fundamenta o presente estudo ancora-se na análise documental e descritiva de dados geolinguísticos registrados no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007). A rede de pontos delineada pelos idealizadores do referido atlas abrangeu 32 localidades estrategicamente distribuídas pelo território sul-mato-grossense, cobrindo as diferentes microrregiões do estado de modo a revelar as nuances decorrentes da realidade social e linguística dos sul-mato-grossenses.

Para a constituição do *corpus*, o projeto original do ALMS (Oliveira, 2007) utilizou uma amostragem rigorosamente estratificada por meio de critérios geolinguísticos, visando controlar as variáveis diastráticas (sociais) e diageracionais (concernentes à idade dos entrevistados). Assim, os informantes foram selecionados a partir da combinação de sexo (masculino e feminino) e de faixa etária (jovens a partir dos 18 a 36 anos e idosos, de 42 à 83 anos).

No que tange ao perfil socioeducacional, os critérios de seleção priorizaram, de forma estrita, falantes analfabetos ou que possuísem apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental, caracterizando uma amostra de pouca ou nenhuma escolaridade formal. Somada a esse fator, exigiu-se dos colaboradores uma profunda fixação local, sendo um pré-requisito indispensável que fossem filhos da



região ou que tivessem residido predominantemente na localidade pesquisada. Essa metodologia foi justificada pela necessidade de isolar influências externas, como a norma padrão veiculada pelas instituições escolares e o contato com outros falares, buscando garantir, por conseguinte, identificar o falar vernacular, espontâneo e tradicional que caracteriza a identidade linguística de Mato Grosso do Sul.

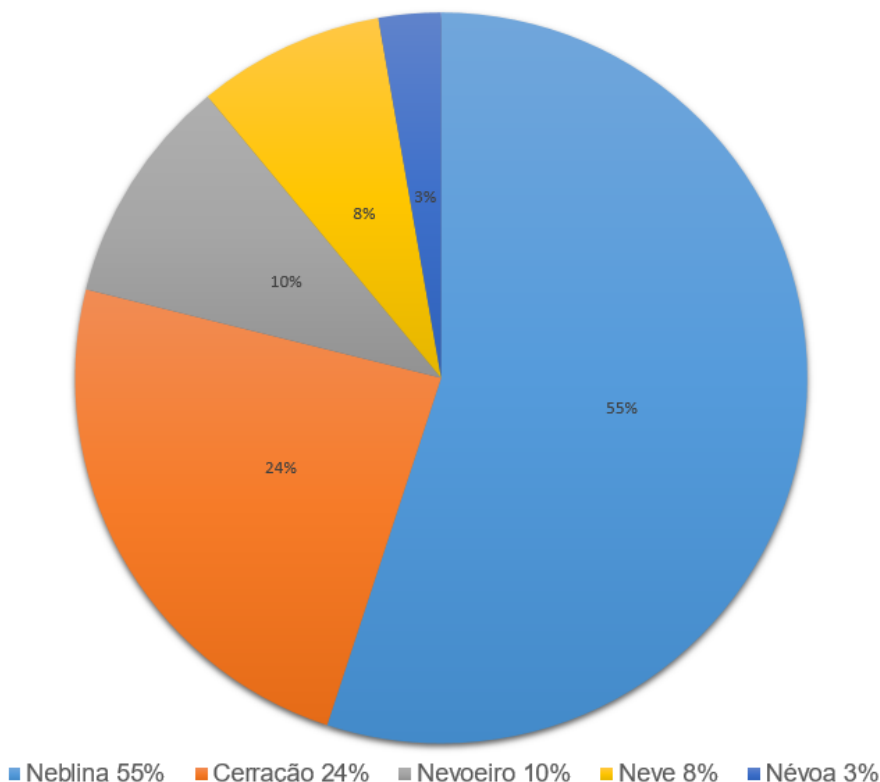
Para o universo deste trabalho, procedeu-se à seleção e à compilação dos dados correspondentes às cartas linguísticas que mapeiam os fenômenos meteorológicos cotidianos em questão, como carta 0032.a *neblina* e carta 0050.a *orvalho* (Oliveira, 2007 p. 105;114). Após a triagem das respostas e o mapeamento das variantes lexicais registradas nas 32 localidades, os dados qualitativos foram submetidos a um tratamento estatístico descritivo. Esse processo permitiu calcular os percentuais gerais de ocorrência de cada item léxico em análise, culminando na modelagem e geração de gráficos de setores (gráficos de pizza) analisados e discutidos nas seções subsequentes. Essa abordagem, que une a cartografia linguística à representação gráfica quantitativa, tem vistas a oferecer uma visão panorâmica e pluridimensional da dispersão e da relevância de cada variante lexical no território.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 A variação de neblina

O mapeamento das unidades lexicais cartografadas na carta *neblina* no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (Oliveira, 2007, p. 105) revela que o léxico associado ao fenômeno em questão distribui-se pelo território estadual de maneira particular. Esse universo pode ser visualizado a partir do Gráfico 1, a seguir.

Variações para NEBLINA



Fonte: elaborado pela autora.

Como se pode ler, a unidade léxica *neblina* é o item mais frequente no corpus (55%), demonstrando ser a variante padrão no falar sul-mato-grossense para designar o fenômeno atmosférico em questão. *Cerração* é o segundo item lexical em frequência (24%), seguido com menos ocorrência por *nevoeiro* (10%), *neve* (8%) e *névoa* (3%).

Para além dos dados mapeados no Gráfico 1, a pesquisa registrou um total de 12 variantes léxicas, totalizando 122 ocorrências e 6 respostas não produtivas (RPN). No estrato das respostas menos frequentes, que não vigoraram na ilustração devido à visualização, figuram os lexemas *sereno* e *nublado* já que esses tiveram apenas uma ocorrência cada um, somando um total de 2% das respostas válidas.

O estudo identificou também ocorrências como *fumaça*, *chuva*, *cerrado*, *fogo* e *poeira*, que representam 9% das ocorrências; no entanto, essas formas foram invalidadas, uma vez que não compartilham dos traços sêmicos fundamentais ou das características conceituais que definem o fenômeno meteorológico da neblina. Isso porque, de acordo com Colabone (2011), a neblina (frequentemente tratada na



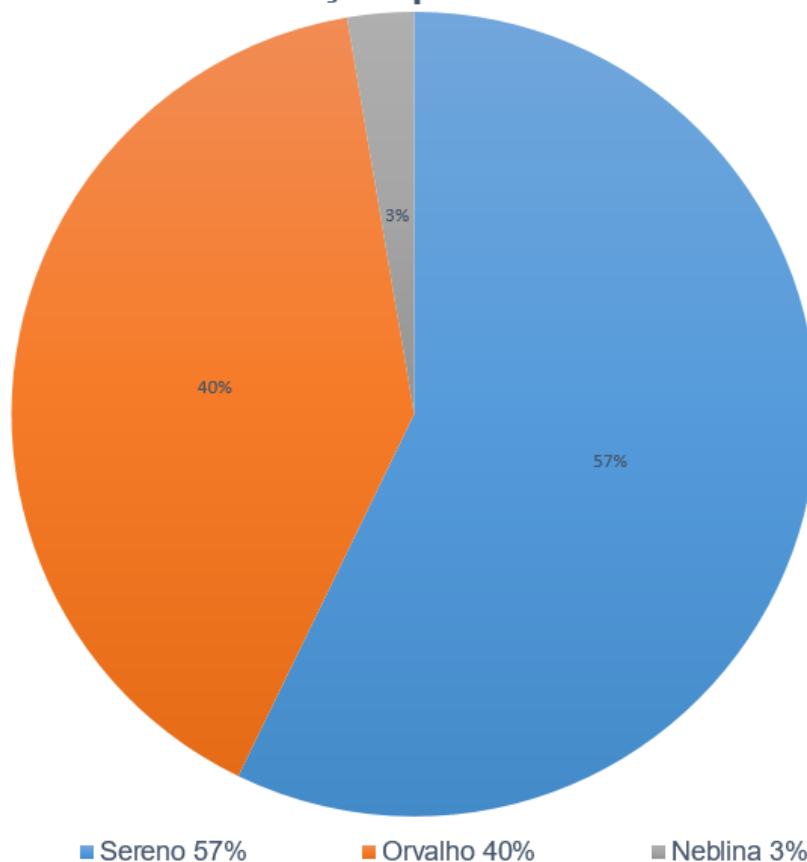
literatura técnica pelo termo genérico nevoeiro) é classificada como uma nuvem do tipo *stratus* cuja base está em contato direto ou extremamente próxima à superfície terrestre. Trata-se de um fenômeno hidrometeorológico constituído por uma suspensão de minúsculas gotículas de água líquida ou cristais de gelo na atmosfera.

A formação desse fenômeno ocorre pelo resfriamento do ar até que ele atinja o seu ponto de saturação (umidade relativa próxima ou igual a 100%), forçando o vapor de água a passar pelo processo termodinâmico de condensação ao redor de núcleos de condensação abundantes no ar. Criteriosamente, a distinção entre os termos técnicos baseia-se em parâmetros internacionais de visibilidade horizontal, no qual a neblina, estritamente como um nevoeiro de menor intensidade, caracterizado quando a restrição da visibilidade horizontal na superfície é superior a 1.000 metros (1 km). Quando a visibilidade cai abaixo desse limite de 1 km, o fenômeno passa a ser classificado estritamente como nevoeiro. Conforme aponta Colabone (2011, p. 4), na definição internacional, nevoeiro consiste de uma grande quantidade de gotículas de água em suspensão ou cristais de gelo perto da superfície da Terra e que levam à redução da visibilidade horizontal para abaixo de 1 km.

4.2 A DINÂMICA DE ORVALHO

O mapeamento das variantes lexicais registradas na carta *orvalho* no Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (Oliveira, 2007, p. 114) revela um contraste espacial marcante na organização do léxico, entre o norte e o sul do estado. Ao norte do estado, observa-se uma maior concentração de respostas parecidas, onde as variantes *sereno*, *orvalho* e *neblina* são mais expressivas. Já ao sul, notamos um número maior de variantes como, *orvalho*, *sereno*, *garoa*, *neve* e *goteira*.

Variações para ORVALHO

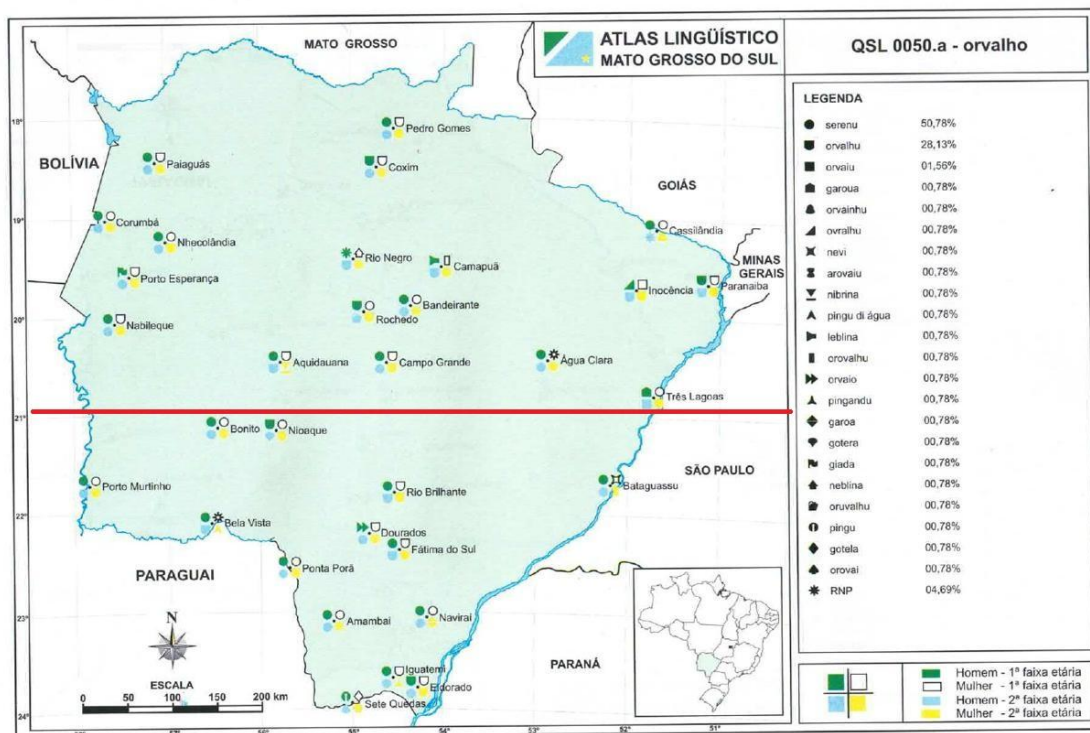


Fonte: elaborado pela autora.

A análise dos dados do Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS (Oliveira, 2007) revela uma clara predominância de variantes para *sereno* e *orvalho*. O Gráfico 2 aponta *sereno* como o mais frequente, registrando 57% das ocorrências, seguido por *orvalho*, com 40%. A forma *neblina* aparece de modo tímido, com apenas 3% dos registros. Além delas, que se fazem presente no Gráfico 2, registraram-se outras sete variantes com uma ou duas ocorrências apenas e seis respostas não produtivas (RPN). Entre as ocorrências residuais quantitativamente mínimas, surgiram termos como *neve*, *pingo de água*, *pingado*, *garoa*, *geada* e *pingo*, além de *goteira* (1%), esta que foi considerada invalidada por não apresentar as características que representam o fenômeno atmosférico orvalho. Somadas, elas constituem 7% das ocorrências. Do ponto de vista geolinguístico, nota-se uma nítida assimetria na distribuição dessas formas: a região sul do estado concentrou uma maior alternância léxica se comparada à região norte, evidenciando uma rica

heterogeneidade dialetal concentrada naquela faixa territorial, como podemos observar na Figura 1, a seguir.

Figura 1 - Carta linguística QSL 0050.a - orvalho (Oliveira, 2007)



Fonte: ALMS (Oliveira, 2007 p. 114).

Do ponto de vista da Física e da Meteorologia, o orvalho é o produto de um processo termodinâmico de condensação. Como explica o pesquisador (Gomes, 2024, p. 17),

O ponto de orvalho (PO) é o limiar de temperatura a partir da qual a capacidade de retenção de umidade é excedida e obriga-a a condensar-se, precipitando sobre as superfícies. Esse fenômeno ocorre porque o ar frio é capaz de reter menos vapor de água do que o ar quente. Quando a temperatura do ar cai ao ponto de orvalho, o excesso de vapor de água se condensa em forma de gotículas de água, que podem aparecer como orvalho.

Ele ocorre quando o vapor de água presente na atmosfera passa para o estado líquido ao entrar em contato com uma superfície cuja temperatura está igual ou abaixo da temperatura do ponto de orvalho. Esse fenômeno é comum durante noites de céu limpo e ventos calmos, condições que favorecem a perda de calor do solo por radiação de onda longa.



5 INTERPRETAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

A análise das cartas *orvalho* e *neblina* (Oliveira, 2007, p. 105; 114) sob as lentes da Sociolinguística e da Dialetoлогия pluridimensional permite ir além da descrição de frequências, revelando fatores históricos, identitários e culturais que moldam o falar sul-mato-grossense. O mapeamento dessas realidades linguísticas ultrapassa a catalogação de itens lexicais e penetra na arqueologia social do território, explicitando como correntes demográficas e a cultura moldam a identidade dos falantes.

A dinamicidade observada na distribuição das variantes reflete a história de povoamento e a constituição demográfica do estado de Mato Grosso do Sul. Como um gesto de herança, essas inúmeras variações para designar o significado de uma palavra não são inventadas de momento, mas são fruto de uma construção que leva tempo e reflete a historicidade de uma comunidade, bem como nos mostra Alkmin (2001 p. 42), que argumenta que existe sempre um conjunto de variedades linguísticas em circulação no meio social. Aprende-se a variedade a que se é exposto, e não há nada de errado com essas variedades. Os grupos sociais dão continuidade à herança linguística recebida.

O comportamento linguístico revelado pelos gráficos demonstra a atitude linguística dos falantes em relação à norma padrão e aos falares regionais. A hegemonia do termo *neblina* (55%), por exemplo, demonstra a força do léxico, que pode ter sido consolidado pelos meios de comunicação, pela escolarização, pela oficialidade técnica, ou até mesmo por meios migratórios. Por outro lado, o registro expressivo do lexema *sereno*, que tem 57% das ocorrências, evidencia que esse povo possui conhecimentos aproximados aos técnicos para saber diferenciar esses fenômenos, uma vez que são capazes de categorizar suas experiências cotidianas. Sobre isso temos concordamos com a perspectiva de Biderman (1998, p. 88), para quem:

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-linguísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente.



Logo, percebemos que a convivência entre o léxico padrão e as formas vernáculos atesta que a comunidade de fala sul-mato-grossense gerencia seu repertório com base em uma competência comunicativa própria. O falante não se encontra em um estado de confusão linguística, ao contrário, ele aciona a variante léxica que melhor se ajusta ao contexto de interação e ao seu sentimento de pertencimento. Quando termos tradicionais como *sereno* e *cerração* mantêm índices expressivos de fixação, mesmo diante do avanço da escolarização e dos meios de comunicação de massa, que massificam as formas *orvalho* e *neblina*, o que se testemunha é a resistência cultural do vernáculo, como pondera Camacho (2001, p. 69):

O modo como a língua é ensinada na escola pratica tradicionalmente o modelo da deficiência. O principal pressuposto da tradição normativa é que cabe à escola o papel de compensar supostas carências socioculturais. Decorre desse pressuposto que a principal tarefa do ensino é substituir a variedade não-padrão pela padrão. A esse modo de existência, a Sociolingüística propôs uma alternativa fundamental, segundo a qual variações de linguagem não devem passar por um crivo valorativo, já que não são mais que formas alternativas que o sistema lingüístico põe à disposição do falante. Nesse caso, é outra a tarefa fundamental da pedagogia da língua materna: cumprir-lhe despertar a consciência do aluno para a adequação das formas às circunstâncias do processo de comunicação.

Essa dualidade estruturada comprova que a padronização oficial e a identidade local não se anulam mutuamente, mas coexistem em um equilíbrio dinâmico, em que a tradição oral resguarda a memória histórica do território enquanto a norma atende às demandas de integração nacional.

Por sua vez, as respostas desconsideradas ou menos frequentes na pesquisa trazem compreensões profundas sobre a cultura local. A emergência de termos invalidados para *neblina* (como *fumaça*, *cerrado*, *fogo* e *poeira*) e de lexias pouco frequentes para *orvalho* (como *geada* e *garoa*) atesta que o léxico é moldado pela vivência prática do homem com o ambiente físico; no entanto, pode ser que essas respostas menos frequentes estejam ligadas ao que Labov (2008) chama de “paradoxo do observador”, uma vez que o ideal seria coletar os dados de como as pessoas falam quando não estão sendo observadas por um entrevistador para que não haja interferência no modo de fala do entrevistado.



Outra hipótese em potencial em relação a Mato Grosso do Sul pode ser pensada pelo período de seca e pelas queimadas ligadas ao manejo agropecuário, que sobrepõem visualmente a fumaça ou a poeira suspensa ao fenômeno meteorológico da neblina, fazendo com que o falante rural categorize o ambiente a partir de sua percepção sensorial direta, gerando extensões metafóricas.

Essa conexão estreita entre o léxico e o meio físico evidencia que o repertório vocabular, neste caso, funciona como uma face da cultura de subsistência e do manejo prático do território. De acordo com Gressler e Vasconcelos (2011 p.120), em Mato Grosso do Sul, entre 1984 e 2003, por exemplo, 16.321 famílias foram distribuídas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em 110 assentamentos. Nesse período, o governo estadual implantou seis assentamentos, onde foram fixadas 868 famílias. Pensando nisso, a rotina laboral atrelada ao campo impõe uma taxonomia ambiental própria, na qual os limites geométricos da meteorologia formal cedem espaço à utilidade prática das forças da natureza. Pode ser que, ao converter termos do universo das queimadas, da poeira das estradas de terra ou da vegetação nativa do cerrado para designar a suspensão atmosférica da neblina, o homem pantaneiro e o produtor rural não operam por desconhecimento técnico. Eles parecem redefinir as fronteiras do significado a partir do impacto visual, tátil e produtivo que tais fenômenos exercem sobre a lavoura, o gado e o horizonte geográfico. Isso porque, como podemos ler em Sapir (1961, p. 44),

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuva, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.

Esse fenômeno revela que a linguagem humana se reestrutura continuamente para espelhar as transformações e as urgências do espaço habitado. As demandas do ecossistema local forçam o surgimento de categorizações linguísticas próprias, que respondem à lida com a terra, ao clima e ao trabalho rural, por exemplo. Longe de representar uma limitação, essa dinamicidade enriquece o patrimônio identitário



do estado de Mato Grosso do Sul. Dessa forma, as forças da natureza e as marcas ecológicas do próprio ecossistema sul-mato-grossense acabam por se imortalizar na língua, salvaguardando a memória cultural de seu povo através das gerações, como bem pondera Isquerdo (2003, p. 166):

A formação do povo sul-mato-grossense, por exemplo, resultou do caldeamento das populações nativas com os diferentes povos que aportaram nesse espaço geográfico, desde o início do processo de colonização e de povoamento da região; imigrantes portugueses, espanhóis, paraguaios, bolivianos, japoneses, árabes e migrantes oriundos de diferentes estados da federação – gaúchos, mineiros, nordestinos, paulistas. Em decorrência disso, a linguagem do homem sul-mato-grossense reflete essas amálgamas culturais, característicos de um estado que nasceu sob o signo da migração.

É exatamente essa simbiose entre o homem e a sua terra que justifica e legitima a riqueza dialetal catalogada nas cartas do ALMS (Oliveira, 2007).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como o objetivo analisar comparativamente o comportamento das variantes lexicais para os conceitos meteorológicos de neblina e orvalho, demonstrando como o léxico sul-mato-grossense revela um equilíbrio dinâmico entre a tradição oral e a norma institucionalizada. A convergência metodológica entre a cartografia do ALMS (Oliveira, 2007) e a posterior tabulação quantitativa dos dados em gráficos permitiu evidenciar realidades geoletais na região, como a marcante assimetria espacial entre o norte e o sul observada na dinâmica do orvalho e na forma expressiva com que se apresenta a variante *neblina* em todo território.

A elaboração deste trabalho revelou que o léxico associado ao clima não é uma estrutura abstrata, mas sim uma atividade social profundamente moldada pela vivência prática do falante com o ambiente físico e com a cultura de subsistência. O tratamento analítico dado às respostas, desde a predominância de termos como *neblina* (55% - carta 32.a) e *sereno* (57% - carta 50.a) até a emersão de outras lexias, como *fumaça*, *chuva*, *cerrado*, *fogo*, *neve*, *pingo de água*, *pingado*, *garoa*, *geada*, *pingo* e *goteira*, de menor frequência ou invalidadas, mas inspiradas pela lida com as queimadas ou pela poeira do cerrado, confirmou que a heterogeneidade do falar local é ordenada e atende tanto ao sentimento de pertencimento comunitário quanto às demandas de padronização nacional.

Diante desse cenário, é preciso considerar que este trabalho baseou-se em um *corpus* coletado e publicado em 2007. A pesquisa reafirma o valor científico do ALMS (Oliveira, 2007); apesar de haver incongruências em sua composição, foi possível extrair dados fundamentais para a análise geolinguística do estado. Trata-se, portanto, de um documento relevante que contribui para o estudo da linguagem em relação à realidade linguística de nosso estado e de certa forma salvaguarda a memória e a identidade linguística que essa região construiu.



REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade; MOTA, Jacyra Andrade; OLIVEIRA, Josane Moreira (org.). **Suzana Cardoso: um legado para a dialetologia brasileira**. Londrina: Eduel; Salvador: EDUFBA, 2021. Editora da Universidade Estadual de Londrina.

ALKMIM, Tânia Maria. SOCIOLINGUÍSTICA. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 21-47

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **DIMENSÕES DA PALAVRA. Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

CAMACHO, Roberto Gomes. SOCIOLINGUÍSTICA. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-75.

COLABONE, Rosângela de Oliveira. 2011. 137 p. **Nevoeiro e dinâmica atmosférica: uma contribuição ao estudo sobre ocorrências de nevoeiro no aeródromo na Academia da Força Aérea**. São Carlos, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18139/tde-19122011-143601/publico/TeseRosangelaOliveiraColabone.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2026.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. (Org). **História e geografia do Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Editora FTD S.A, 2011.

GOMES, Miguel dos Santos. **Modelo estatístico de previsão do ponto de orvalho**. 2024. 115 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Engenharia do Ambiente) – Departamento de Engenharia, Instituto Superior Politécnico Tundavala, Lubango, 2024. Disponível em: https://d1wqtxs1xzle7.cloudfront.net/122840010/Ponto_de_Orvalho-libre.pdf?1747558005=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMODELO_ESTADISTICO_DE_PREVISAO_DO_PONTO.pdf&Expires=1781528578&Signature=P~9go5timMQibE8x-e3k08uTN5M9bmlrU1AtpS8FbtJCzCWOJngePZjSS9Ub6jHu90jql3D9KiEZau77YQ87g46TZW7ZtR7Ck6C-AxNX~yZyYRkKlc8J0jiMS90LF2w0SbetaLeCX5Z085AwNvsNUmEmvzu47vV2cvct2~X74hfA6yh36RcY0rT2oxHBeMy20qOonsTVBu7yVAmOfEZ0LvuJkQxQwevxRy-2NFASvM981CNIGjQTKoBvLZqpxyBueRaN78pLsQVeHCEOWF7IOW3pKlvxNKIEH-topSyVJuBTJ0sby5DqIHBjINWQbE5PtIAeOiXnHh5IXoTc4bF-MA_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 26 maio 2026.

ISQUERDO, Aparecida Negri. **Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos**. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de (Org). **História, região e identidades**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2003, p. 165-181

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS (São Paulo). Centro de Pesquisa e Referência. **A língua como patrimônio cultural. Boletim de Acervos**, São Paulo,



p. 1, 26 fev. 2024. Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/boletim-acervo/a-lingua-como-patrimonio-cultural/>. Acesso em: 01 jun. 2026.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. **Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)**. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência - Ensaios. Filologia e Linguística**. Tradução- Seleção. Notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961. Vol.1.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em: https://monoskop.org/images/1/1f/Saussure_Ferdinand_de_Curso_de_linguistica_geral_27_ed.pdf. Acesso em: 23 fev. 2026